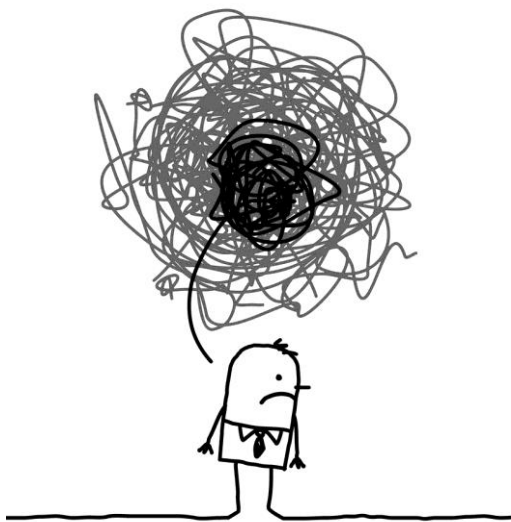


SERRA-PILAR

22 maio 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 8º Domingo | 1959

**Somos feitos de matéria estelar.
Espírito não é algo que se opõe à carne,
mas a sua expressão mais profunda e luminosa.**



a festa do corpo

www.serradopilar.com

Corpus Christi é a festa em que a Igreja Católica celebra a instituição do sacramento da eucaristia. No século XIII, santa Juliana, francesa, com dezasseis anos de idade, viu, em sonhos, que a Lua apresentava uma pequena mancha escura. Interpretou o fenómeno da seguinte forma: a Lua representava a Igreja iluminada pelas suas festas, e a mancha, o sinal da ausência de uma data para a celebração do Corpo de Cristo.

O cristianismo é a religião do corpo, pesem embora todas as sequelas platónicas. No Credo, proclamamos a nossa fé, não na ressurreição da alma ou do espírito, mas na "ressurreição da carne".

A cultura da morte faz do corpo objeto de sujeição. A pessoa é reduzida à força de trabalho. Suga-se do seu corpo toda a vida, sem que se lhe pague o salário justo, para que as suas potencialidades espirituais possam florescer em: cultura, lazer, criatividade.

Tais direitos ficam restritos àqueles que podem gravitar em torno do culto hedonista do corpo. Há um infundável estímulo consumista para exaltar a estética do corpo: publicações, cosméticos, academias de ginástica, dietas, etc.

A cultura da vida sacraliza o corpo. Para Jesus, ele é a morada de Deus. A própria divindade se faz corpo no homem Jesus. A quem o questionou sobre qual o caminho para a vida eterna (o doutor da lei, Zaqueu, Nicodemos etc.), Jesus respondeu com ironia.

A quem lhe pediu vida nesta vida, um corpo saudável como expressão do dom maior de Deus, Jesus atendeu com amor: o cego que pediu a cura para recuperar a visão, o paralítico que desejou andar, a mulher atormentada pela hemorragia, o homem da mão seca que suplicou por saúde.

Jesus restaurou corpos (milagres); alimentou corpos (partilha dos pães e dos peixes); celebrou corpos (bodas de Caná, e o Reino de Deus comparado a um banquete).

Uma sociedade que segrega os corpos pela cor da pele, ou que os submete a relações injustas de trabalho, é contrária aos princípios do Evangelho.

O corpo de Deus, em Jesus, é rejeitado, difamado, preso, condenado, torturado, crucificado. Contudo, "no primeiro dia da semana", o seu corpo ressuscitou, primícia e promessa de que os nossos corpos haverão de vencer a morte.

Jesus permanece entre nós na forma de pão. Todo o pão que se partilha é, eucaristicamente, dotado da presença divina. Pães materiais - salário digno, emprego, direitos reconhecidos; e pães simbólicos - o gesto de carinho, a solidariedade, o amor.



O nosso corpo transporta em si a história do Universo. Todas as células foram tecidas por moléculas feitas de átomos engendrados no *Big Bang*, e cozinhados ao calor das estrelas. Somos feitos de matéria estelar. Na intimidade atômica, cada partícula é também onda, como se a natureza risse da nossa lógica cartesiana, incapaz de apreender que toda a matéria, inclusive o nosso corpo, é energia condensada.

O espírito não é algo que se opõe à carne, mas sim a sua expressão mais profunda e luminosa. É fantástico que a própria natureza, em trajes bordados pela química, e num baile ritmado pela física, tenha desabrochado em seres dotados duma inteligência capaz de decifrar os seus enigmas e apreender o seu sentido.

Frei Betto. Dominicano. Escritor e assessor de movimentos sociais.

<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=81139>

Dois génios em festa no céu

A 23 DE ABRIL DE 1616 – HÁ, PRECISAMENTE, QUATROCENTOS ANOS – houve festa no céu. Com certeza, um grande sarau literário. À data, dois génios da literatura universal deixaram este nosso mundo, tão bem retratado nas suas obras: o inglês **WILLIAM SHAKESPEARE** e o espanhol **MIGUEL DE CERVANTES**.



Se considerarmos que o calendário gregoriano entrou em vigor, no reino de Castela, a partir do século XVI, e na Inglaterra, apenas, em 1751, Shakespeare terá vivido mais dez dias do que Cervantes.

Shakespeare, nascido em 1564, viveu cinquenta e um anos. Cervantes, nascido em 1547, viveu sessenta e oito. Talvez os dois se tenham admirado, com a coincidência das datas em que se evadirem desta tão atribulada Terra, felizes, afinal, por se conhecerem pessoalmente. E ambos exultaram, se comungavam da esperança expressa, séculos mais tarde, por Jorge Luis Borges: ***"Sempre imaginei que o Paraíso fosse uma espécie de biblioteca."*** Eu espero que sim, pois neste curto período de vida, não consigo ler todos os livros que me atraem.

Shakespeare casou-se aos dezoito anos, com a rica Anne Hathaway, de vinte e seis anos de idade, que lhe deu três filhos: Susanna e os gémeos Hamnet e Judith.

Trabalhou, em Londres, como ator e escritor. Até 1590, influenciado pelo teatro italiano, escreveu, principalmente, comédias, como *A megera domada* e *A comédia dos erros*.

O melhor período da sua produção ocorreu entre os anos 1590 e 1613. Em 1595, *Romeu e Julieta*. Em 1599, *Júlio César*. De 1600 a 1608, *Hamlet*, *Rei Lear* e *Macbeth*. Ao longo da vida, produziu dezasseis comédias, doze tragédias e onze dramas históricos.

Machado de Assis teria ido buscar a *Otelo* a inspiração para criar o personagem *Bentinho*, do romance *Dom Casmurro*. E a revolta dos canjicas, na novela *O alienista*, seria a versão tupiniquim do rebelde *Jack Cade*, da peça *Henrique IV*.

O conto *A cartomante*, de Machado de Assis, abre com a famosa frase de Hamlet: "Há mais coisas entre o céu e a terra, do que aquilo que a nossa filosofia é capaz de sonhar."

Cervantes, com a sua obra-prima, *Dom Quixote de la Mancha*, é considerado o pai do romance moderno. Assim como a obra de Shakespeare consolidou o idioma inglês, a de Cervantes produziu o mesmo efeito no espanhol.

Em 1569, aos vinte e dois anos, Cervantes fugiu para a Itália, após ferir um rival com quem se bateu em duelo. Em 1571, participou na batalha de Lepanto, em que a esquadra formada por vários países cristãos, derrotou os soldados do Império Otomano, de fé islâmica. Ferido, ficou com a mão esquerda inutilizada.

Ao navegar de Nápoles para Castela, em 1575, foi capturado por corsários argelinos, que o retiveram durante cinco anos, até receberem um resgate. Viveu em Lisboa entre 1581 e 1583.

De regresso a Castela, casou com Catalina de Salazar, em 1584, aos trinta e sete anos, com quem teve a filha Isabel. No ano seguinte, publicou o seu primeiro romance, *A galatea*. Preso em 1597, por dívidas bancárias, durante o ano que permaneceu no cárcere, fez o esboço do *Dom Quixote*, cuja primeira parte se editou em 1605 e, a segunda, dez anos depois. Escreveu, também, novelas, comédias e poemas.

Além da coincidência de falecerem na mesma data, SHAKESPEARE e CERVANTES foram mestres no modo de tratar temas políticos com refinado talento artístico e, ao mesmo tempo, dissecar as profundezas da alma humana.

Frei Betto

Adital, 18.04.2016

a festa do corpo



Na festa do Corpo de Deus, deixarei o meu corpo flutuar nas alturas abissais. Acariciarei cada uma das minhas rugas, desvelarei histórias por entre os meus cabelos brancos, decifrarei, com a ponta dos dedos, o meu perfil interior. Não recorrerei ao bisturi das falsas impressões. Nem ao espetro da magreza anorética. O tempo continuará a massajar os meus músculos, até os tornar flácidos como as delicadezas do espírito.

Suspenderei todas as flexões, exceto as que aprendo na academia dos místicos. Beberei do próprio poço, e abrirei o coração para o anjo das limpezas atirar, pela janela da compaixão, iras, invejas e amarguras.

Pisarei, descalço, o calor da terra viva. Bailarino ambiental, dançarei abraçado à Gaia (Terra), ao som ardente de canções primevas. Dela receberei o pão; a ela darei a paz.

Acesas as estrelas, contemplarei, na penumbra do mistério, esse corpo glorioso que nos funde, a mim, a ti e a Gaia (Terra), num único sacramento divino. O seu trigo brotará como alimento para todas as bocas, e as suas uvas farão correr rios inebriantes de saciedade.

Na mesa cósmica, ofertarei as primícias dos meus sonhos. De mãos vazias, acolherei o corpo do Senhor, no cálice das minhas carências.

Dobrarei os joelhos face ao mistério da vida, e contemplarei o rosto divino, na face daqueles que nunca souberam que, cosmos e cosmético são gregas palavras, e lançam raízes na mesma beleza.

Despirei os meus olhos de todos os preconceitos, e roguei pela fé, acima de todos os preceitos. Como Ezequiel, contemplarei o campo dos mortos, até ver a poeira consolidar-se em ossos, os ossos juntarem-se em esqueletos, os esqueletos recobrirem-se de carne, e a carne encher-se de vida no Espírito de Deus.

Proclamarei o silêncio como ato de profunda subversão. Desconectado do mundo, banirei da alma todos os ruídos que me inquietam e, vazio de mim mesmo, serei preenchido por Aquele que me envolve por dentro e por fora, por cima e por baixo.

Suspenderei da mente a profusão de imagens, e conservarei no olvido o turbilhão de ideias. Privarei de sentidos as palavras. Absorvido pelo silêncio, apurarei os ouvidos para escutar a brisa de Elias e, os olhos, para admirar o que tanto extasiou Simeão.

Não mais farei do meu corpo um mero adereço estranho ao espírito. Serei uma só unidade, onda e partícula, verso e reverso, *anima* e *animus*.

Recolherei, pelas esquinas, todos os corpos indesejados, para lavá-los no sangue de Cristo, antes que abandonem os seus casulos, para se lançarem no voo salvífico das borboletas.

Curarei da cegueira os que se reveem no olhar alheio, e espalharei cremes bíblicos, no rosto de todos os que se julgam feios, até que neles transpareça o esplendor da semelhança divina.

Arrancarei do chão de ferro, os pés congelados da ausência de solidariedade, e farei soprar um vento forte, sobre os que temem o peso das próprias asas. Ao alçarem-se ao topo do mundo, verão que todos somos um só corpo e um só espírito.

Farei do meu corpo hóstia viva; do sangue, vinho de alegria. Ébrio de efusões e graças, enlaçarei num amplexo cósmico, todos os corpos e, no salão dourado da Via Láctea, valsaremos até que a música sideral tenha esgotado a sinfonia escatológica.

Na concretude da fé cristã, anunciarei aos quatro ventos a certeza da ressurreição da carne e de todo o Universo, redimido pelo corpo místico de Cristo.

Então, quando a morte me transvivenciar, o que é terno tornar-se-á eterno.

Frei Betto

<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=85296>

cartografia do corpo

O corpo humano é uma redescoberta recente. Nas culturas anteriores ao século XX, o corpo era camuflado pela roupa, o moralismo e a religião. Exceção feita às culturas indígenas que, ainda hoje, imprimem respeitosa visibilidade ao corpo. E também à cultura greco-romana, isenta de moralismos, antes do advento do cristianismo, como descreve Marguerite Yourcenar no seu romance *"Memórias de Adriano"*.

A tradição bíblica não separava corpo e espírito. A cultura ocidental, marcada pela filosofia de Platão, divide o ser humano em dois polos antagônicos:

Corpo e espírito são inimigos. E há que escolher um. Os devassos escolhem o corpo, destinado às chamas do inferno. Os santos, o espírito, elevado aos céus...

Freud e a física quântica são contemporâneos. Ensinaram-nos que não há corpo como mero recetáculo da alma. Tudo está intrinsecamente ligado. Somos todos uma montanha de átomos, base das nossas células, em que há mais espaços vazios que substância material. A nossa "alma" está tanto na unha cortada, como no fio de cabelo.

O século XX desnudou o corpo, embora, desde o Renascimento, ele tenha sido exaltado, como exemplifica a pintura de Michelangelo, *"A criação de Adão"*, no teto da Capela Sistina.

Agora, apropriado pelo capitalismo, o corpo é mercadoria submetida à ditatorial cartografia. Sofre quem não tem o corpo adequado a esta cartografia exposta em capas de revistas, na publicidade ("Vem aí o verão..."), em filmes, fotos e telenovelas.

Uma poderosa indústria, que vai dos ginásios aos medicamentos e dietas miraculosas, fomenta a visibilidade do corpo ideal, e penaliza os corpos que não se enquadram no modelo-padrão.

Não se trata, apenas, de uma estética imposta a ferro e fogo, e que induz à depressão quem dela destoa. Trata-se, também, de uma inversão de Platão. Agora, o corpo salva-se, e o espírito desce aos infernos. Entre ser burra ou loura, a opção é óbvia.

Quem dera que as nossas cidades tivessem tantas livrarias e bibliotecas como ginásios! Essa exacerbação física, aprofunda a cisão entre espírito e corpo. O desempenho sexual torna-se mais importante do que a profundidade amorosa. A velhice assumida é, socialmente, detestada. O excesso de peso é ridicularizado.

O corpo, apropriado pelo sistema, já não nos pertence. O mercado determina qual o corpo socialmente apreciado, e qual o excluído do mercado e, portanto, condenado à exclusão e à tortura psicológica.

Já não somos o nosso corpo. Somos a encarnação do corpo sacramentado pelo sistema, impelidos a jejuar, a "sofrer" bastante nos ginásios, a submeter-nos à cirurgia plástica. Nada de nos apresentarmos sem o corpo-senha que abre as portas do mundo encantado da jovial esbelteza, no qual a nossa cartografia física deve suscitar admiração e inveja.

Convém manter a boca fechada, não apenas para evitar engordar. Também para que não descubram que somos desnutridos de ideais, valores e espiritualidade. Estamos condenados a ser, apenas, um pedaço de carne ambulante.

Frei Betto

http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=84840